

## A GARGANTA DO DIABO



PÁGINA 5



UMA VIAGEM PELA  
SERRA DA CAPIVARA E A  
SERRA DAS CONFUSÕES

PÁGINA 16

## LENÇÓIS...



COM DIREITO A FRONHAS

PÁGINA 20

# BOLETIM

NOVEMBRO/DEZEMBRO 2015



# CEB

CENTRO  
EXCURSIONISTA  
BRASILEIRO

# OS PICOS DO ITAGUARÉ, MARINS, MARIA E MARIANA

PÁGINAS 7, 10 e 14





\*Descontos não acumulativos e mediante a comprovação de afiliação ao clube

**10 % DE DESCONTO PARA SÓCIOS  
DE TODOS OS CLUBES DE MONTANHA.\***

**MAKALUSPORTS.COM.BR**



VENHA CONHECER NOSSOS PRODUTOS  
DE MARCA PRÓPRIA.

**NOSSOS ENDEREÇOS:**

**MAKALU CENTRO**

Av. Rio Branco nº 50 - Sobreloja  
Centro - Rio de Janeiro - RJ.  
Tel.: 21-3174-2515 \ 21-3174-2526

**MAKALU TIJUCA**

Rua Conde de Bonfim, 346 loja 208  
Tijuca - Rio de Janeiro - RJ  
Tel.: 21-2567-0720 \ 21-3507-9891



O  
CEB  
NO

# ACONCÁGUA

Horacio Ragucci

**A**o longo dos seus quase cem anos de existência, os associados e guias do Centro Excursionista Brasileiro têm marcado sua presença em quase todos os cumes mais altos do Brasil, e em boa parte dos grandes cumes dos cinco continentes. Um bom exemplo do que falamos é a presença do CEB no Aconcágua, a montanha mais alta das Américas com 6960m, cujo cume já foi visitado em cinco oportunidades por sócios do Clube.

A origem do nome Aconcágua deriva da língua Aymará: "kon-kawa" (Monte Nevado), ainda que tenha recebido outros nomes. Foi escalado pela primeira vez no ano de 1897 pelo guia suíço Mathias Zurbriggen, em uma longa expedição liderada por Edward Fitzgerald. A combinação de altura, frio e ar seco (média de 5% de umidade relativa do ar) requer um esforço equivalente a qualquer montanha do Nepal, e por isso o Aconcágua é hoje largamente utilizado pelos montanhistas do mundo todo como etapa de preparo antes de se lançar a aventuras maiores no Himalaia. A ascensão não é fácil, basta dizer que, desde a época da sua conquista, o Aconcágua já cobrou mais de 100 vidas.

O primeiro ceebense a alcançar seu cume foi Márcio V. Guedes Pinto, em 24/01/2000, sendo que nesta época Márcio ainda não era sócio do Clube.

Em 24/01/2002 Carlos Vageler atinge o topo junto com outros três montanhistas, entre eles Rodrigo Rainieri e Vitor Negrete, que não fazem parte do CEB, mas sem dúvida estão entre os montanhistas mais famosos do Brasil.

Tatsuo Matsumoto não costuma freqüentar nossa sede, nem dar entrevistas, no entanto, o dia em que autorize a publicar sua biografia, conheceremos as realizações de um montanhista extraordinário, que já se aventurou nos maiores cumes de todos os continentes, inclusive na Antártida. Ele alcançou o cume do Aconcágua em 08/01/2005.

Antonio Carlos Borja (Wally) é até o momento o recordista de expedições ao Aconcágua, pois já esteve lá em cinco oportunidades, todas elas sem guias contratados, e em todas elas levando algum associado do CEB, mas alcançou o cume somente na sua terceira tentativa, em 31/12/2006.

Em 24/12/2008 a dupla ceebense Rosiane Freitas e William Penha (McGaiver) atinge o cume às 14:20; que belo presente de natal ganharam nesse dia!

Seria injusto não mencionar neste artigo os participantes das numerosas tentativas de chegar ao cume, que muitas vezes não deram certo por dificuldades climáticas ou de outra ordem, e que em muitas oportunidades finalizaram a poucos metros do almejado topo da montanha.

A diferença entre estas tentativas infrutíferas e as que chegaram ao cume algumas vezes foi apenas a sorte de ter uma janela de tempo favorável, que permitiu às bem sucedidas vencer com êxito os últimos metros da subida.

Entre os montanhistas do CEB que não conseguiram atingir o cume, mas que venceram as últimas etapas a caminho dele registramos:

Adeilton (Dede) Menezes (1 vez), Carlos do Anjos (1 vez), Claudia Bessa (1 vez), Claudio Cunha (1 vez), Fernando Ferraz (1 vez), Flavio de Lima (2 vezes), Francisco Caetano (4 vezes), Jorge Campos Jr. (3 vezes), Nasaré Monteiro (2 vezes), Olivia Kopczynski (1 vez), Pedro Bugim (1 vez), Renato Lyra (1 vez).

*Horacio Ragucci é presidente do CEB.*

*Rosiane Freitas e  
William Penha*





Capa: foto dos Picos dos Marins, Maria e Mariana, de Martinus van Beeck

### Sede Social

Av. Almte Barroso 2, 8º andar

Rio de Janeiro/RJ - CEP 20031-000

Tel/fax (21) 2252-9844

Atendimento: 2ª a 6ª das 14h às 21h

Site: [www.ceb.org.br](http://www.ceb.org.br)

e-mail: [ceb@ceb.org.br](mailto:ceb@ceb.org.br)

CNPJ: 33.816.265.0001-11

### MENSALIDADES

Sócios contribuintes:.....	R\$ 40,00*
Sócios proprietários:.....	R\$ 24,00
Sócios dependentes:.....	R\$ 8,00
Taxa de admissão:.....	R\$ 80,00

- Taxa de participação em excursões para não-sócios e sócios com mensalidades atrasadas: R\$ 40,00.
- São isentos da taxa os convidados pessoais do guia, e os convidados de sócios, desde que esta isenção seja aprovada pelo guia.
- Qualquer escalada ou excursão com número limitado de participantes é prioritária para sócios em dia com as mensalidades.

\* R\$ 43,00 para pagamento via boleto bancário

\* Você pode se associar diretamente pelo site.

Organização: Adilson Peçanha e Martinus van Beeck.  
 Revisão: Sinezio Rodrigues.  
 Diagramação: Sylvio Marinho  
 Impressão: Gráfica Tudo Para Ontem  
 Tel: 24454695 / 2426-0324 e-mail: [tudoparaontem@terra.com.br](mailto:tudoparaontem@terra.com.br)

**CEB, o primeiro clube de montanhismo do Brasil**



### Diretoria

PRESIDENTE  
**HORÁCIO RAGUCCI**  
[hragucci@gmail.com](mailto:hragucci@gmail.com)

VICE-PRESIDENTE  
**FRANCESCO BERARDI**  
[fberardi@uol.com.br](mailto:fberardi@uol.com.br)

DIRETOR TÉCNICO  
**FRANCISCO CAETANO**  
[fcaetano@yahoo.com](mailto:fcaetano@yahoo.com)

DIRETOR DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
**ADILSON PEÇANHA**  
[adilson.pecanha@globo.com](mailto:adilson.pecanha@globo.com)

DIRETOR SOCIAL  
**DORA NOGUEIRA**  
[doranogueira@yahoo.com.br](mailto:doranogueira@yahoo.com.br)

DIRETOR DE MEIO-AMBIENTE  
**ANTÔNIO DIAS**  
[antoniodiasceb@yahoo.com.br](mailto:antoniodiasceb@yahoo.com.br)

DIRETOR ADMINISTRATIVO  
**RODRIGO TAVEIRA**  
[rtaveira@grupounicad.com.br](mailto:rtaveira@grupounicad.com.br)

DIRETOR FINANCEIRO  
**MARTINUS VAN BEECK**  
[martinusvanbeeck@gmail.com](mailto:martinusvanbeeck@gmail.com)

1º SECRETÁRIO  
**LUÍS FERNANDO PIMENTEL**  
[luisffp@yahoo.com](mailto:luisffp@yahoo.com)

2º SECRETÁRIO  
**MILTON ROEDEL SALLES**  
[milton.roedel.salles@gmail.com](mailto:milton.roedel.salles@gmail.com)

### CONSELHO DELIBERATIVO MEMBROS NATOS

ANTÔNIO DIAS, FRANCESCO BERARDI, FRANCISCO VASCO DOS SANTOS, HERCÍLIO TORRES DIAS, IDALÍCIO M. DE OLIVEIRA, JOSÉ PELAIO T. GONÇALVES, MARY ARANHA ROSSI E RODRIGO TAVEIRA.

### MEMBROS ELEITOS

ADRIANO A. DO VALLE, ANA ISABEL AGUIAR CABRAL, ANTÔNIO CARLOS BORJA, CLAUDIA BESSA D. MENESES, CLÁUDIO EDUARDO ARANHA, ELTEVAN M. DE SÁ, FLÁVIO DOS SANTOS NEGRÃO, FRANCISCO CARLOS CAETANO, HENRIQUE PRADO, HORÁCIO RAGUCCI, JOSÉ BARREIROS MANSO Fº, JOSÉ CARLOS DE OLIVEIRA, JOSÉ MARIA F. CRUZ, LUIZ CARLOS VULCANIS JR, MARIA NASARÉ F. MEDEIROS, MARTINUS VAN BEECK (PRESIDENTE), MAURICIO C. CARVALHO DA SILVA, PEDRO BUGIM RUELVERGNANO, RICARDO MARTINS BARBOSA, ADILSON PEÇANHA, SILVIA MARIA DE ALMEIDA (VICE-PRESIDENTE), SIMONE HENÓT LEÃO E ZILDA ALVES DE MAGALHÃES.



# A GARGANTA DO DIABO

**D**esde que li o relato do Jorge Soto (conhecido trilheiro paulistano) em outubro de 2011 sobre esse atrativo de Paranapiacaba (Santo André – SP), nutria uma enorme vontade de conhecer o lugar. Trata-se de um impressionante cânion formado pelas águas turbulentas do Rio da Onça em seu acidentado trajeto do planalto paulista serra abaixo antes de desembocar placidamente no Rio Mogi.

Sinezio Rodrigues

A oportunidade surgiu no dia 20 de setembro quando cinco aventureiros capitaneados por mim com a ajuda do meu amigo Marcelo Morgado (carioca-paulistano como eu e conhecido de alguns do CEB) resolveram aventurar-se na empreitada dispondo apenas de um relato detalhado do percurso obtido na internet.

A trilha começa na estrada que vai para Paranapiacaba (SP-122) em frente à fábrica da Solvay. Ela começa praticamente plana e muito enlameada. Vai adentrando a mata aos poucos e tornando-se cada vez mais bonita. Após cerca de meia hora chega-se a um poço do rio Vermelho muito amplo e bom para banho, e com muita areia, conhecido como “Areião”, onde “farofeiros” costumam acampar e deixar uma lixarada só. Mais quarenta minutos e chega-se a um mirante, onde, dizem, se encontra a melhor vista da região, mas nós não vimos nada: estava tudo nublado. Próximo ao mirante há uma



*Cachoeira Fumaça*

6

CENTRO EXCURSIONISTA BRASILEIRO

cachoeira. Ela não é muito alta, tem no máximo uns 15 metros de altura, mas é muito bonita e permite um bom banho. Mais vinte minutos de caminhada e chega-se ao topo da famosa Cachoeira da Fumaça, muito frequentada, uma queda de uns 60m. A maioria das pessoas só vai até aí.

Descemos até a base da Cachoeira da Fumaça, onde tiramos algumas fotos, e aí começou a verdadeira aventura. Depois que sai da base da Cachoeira da Fumaça, a trilha vira uma pirambeira daquelas, onde qualquer descuido significaria despencar morro abaixo até o rio. A trilha é muito íngreme e escorregadia, com alguns trechos de corda, e eu só pensava “meu Deus, na volta como é que eu vou subir isso?”

Após a tenebrosa descida, chega-se ao chamado “Portal”, que é a confluência dos rios Solvay, Vermelho e das Pedras e, desse ponto, os três grandes rios viram um só, o Rio da Onça, rio esse que desce furiosamente, formando várias outras cachoeiras serra abaixo. Ali é o coração do chamado Vale da Morte.

Desse trecho em diante vai-se pelo leito do rio, desviando-se das grandes rochas e dos obstáculos do caminho, com trechos de verdadeira “desescalada”. Esse trecho possui diversas quedas e piscinões, e a partir dali são cerca de 40 minutos até a Garganta do Diabo, aonde chegamos com exatas três horas de caminhada.

Aqui vou inserir a descrição da garganta feita pelo Jorge Soto: “a pernada pelo rio nos leva até a beirada de um enorme paredão, por sua vez no

sopé de duas enormes muralhas que convergem num respeitável vértice rochoso, afunilando o rio num gargalo de pedra por onde despenca sob a forma de uma grande cachoeira cânion adentro. Estamos num dos extremos da Garganta do Diabo! A impressão que se tem é que houve um terremoto que abriu uma gigantesca fenda rochosa cortada a prumo, no caso cavada pelas agitadas águas do Rio da Onça, dividindo ambos os paredões que se estendem paralelamente por uma centena de metros à frente, formando um corredor estreito de quase 50m verticais!”

Após a costumeira sessão de fotos e lanche, resolvemos retornar. Porém, na metade do caminho entre a Garganta e a Cachoeira da Fumaça, optamos por pegar outro caminho, à esquerda, conhecido como “ferradura”, um pouco mais longo, mas que evitou que subíssemos aqueles trechos quase verticais e escorregadios. Essa trilha nos deixou na estrada a cerca de 2km do nosso carro, e assim fechamos um circuito.

Pronto, matei minha vontade de conhecer o “Gogó do Tinhoso”. É possível continuar descendo a partir da garganta, onde há trilha e encontram-se mais duas cachoeiras. É possível ainda continuar descendo até o litoral, mas isso é para poucos, pois não há trilha, não há orientação, há muitos trechos íngremes e é preciso pernoitar no mato.

*Sinezio Rodrigues é guia do CEB*

**Pedra Redonda,  
Marinzinho e Marins  
vistos do Itaguapé**

**RELATO  
DE UMA  
AVENTURA  
EM**

**SOLO**

**P**or que solo? Todo mundo me fazia essa pergunta. Minha resposta era sempre a mesma: fazia por prazer. Pelo prazer de estar só em alguma imensidão das montanhas. Era prazeroso estar solitário, depender apenas de mim. É uma sensação de liberdade e plenitude. Mas isso não se pode explicar. Apenas falamos e esperamos que o outro entenda.

**Jorge Campos**

Meus preparativos foram focados em duas coisas: água e orientação. Havia poucos pontos de água marcados no tracklog e o pessoal me avisou: lá não tem água, tem que levar!

A água eu dimensionei para dois dias. Contando com 2 litros de água por dia e mais a comida, somei da seguinte forma: meu camelback de 2 litros e mais uma garrafa de 1,5 litros para beber, mais dois nalgenes para comida e café da manhã. Total de 4,5 litros, logo 4,5 quilos garantidos na mochila.

Outro problema era a orientação: nunca tinha ido lá. Não conhecia o caminho e aí estava o desafio: achar a trilha usando gps. Pouco tinha usado meu GPS Garmin. Sabia como usá-lo, porém só o tinha utilizado nos Andes e no Caparaó. Havia me dado muito bem, mas certamente não era minha zona de conforto. A tela do gps era pequena, sem mapa de satélite por baixo da trilha. Por sugestão do meu amigo Francisco, utilizei um aplicativo de gps no celular, o GEOTRACKER. Assim usaria dois aparelhos de orientação: um GPS Garmin e o Geotracker.

Falei com o Willians, pois sabia que ele tinha passado por lá e com ele peguei o tracklog da travessia, o mesmo que ele utilizou. Assim estava garantido um tracklog confiável. A orientação estava completa, ou melhor, mais confiável.

Continua na próxima página

Agora tinha que estudar o caminho. Coloquei no Google Earth e estudei o trajeto. Bem óbvio, seguia pela crista da serra. Minha travessia seria da seguinte forma: o primeiro trecho seria a trilha vinda de uma estradinha de terra, que ia até a base do Pico do Itaguaré. Dali uma bifurcação levava ao cume. Era bate-volta. Depois a trilha continuava pela crista em vários sobes e descas, descendo até 2037m antes da pedra Redonda, depois a subida para o Pico do Marinzinho, uma subida forte até 2400m, e daí descia para a base do Marins. Lá encontraria o casal Egito e Sandra, que estavam explorando a região e me chamaram para atacar o cume do Pico do Mariana, fechando os cumes do Marins, Maria e Mariana. E então desceríamos para o morro do Careca, onde fecharíamos a travessia e os 3 cumes.

Olhei bem o caminho, conversei com pessoas que já tinham ido lá. Li dois relatos da travessia e vi muitas fotos. Sabia mais ou menos como seria a caminhada. O estilo era acidentado, subidas em pedras e descidas em trechos onde não haveria trilha marcada.

Mochila cargueira, saco de dormir, isolante, kit cozinha, anorake, agasalho (calça e blusa) e comida. Total 20kg. Muito

peso! Legal, vamos em frente.

A orientação me deixava tenso. Por isso levei o carregador solar para manter o celular carregado e levei uma bateria reserva para uma eventual recarga do celular. Levei também um conjunto de pilhas para o GPS Garmin e obviamente para as lanternas.

Foi mais ou menos assim que sai do Rio de Janeiro, numa noite de quinta-feira. Fui direto até a Base Marins. Cheguei por volta das 2h30min da manhã, tirei uma soneca boa no carro e de manhã o pessoal da Base me preparou um café da manhã. A Base foi reformada e agora conta com um bom restaurante com fogão a lenha, refrigerante e cerveja. O Dito, da Base Marins, levou-me até o início da trilha; comecei a caminhada às 8h40min, uma hora e quarenta minutos mais tarde do que planejado.

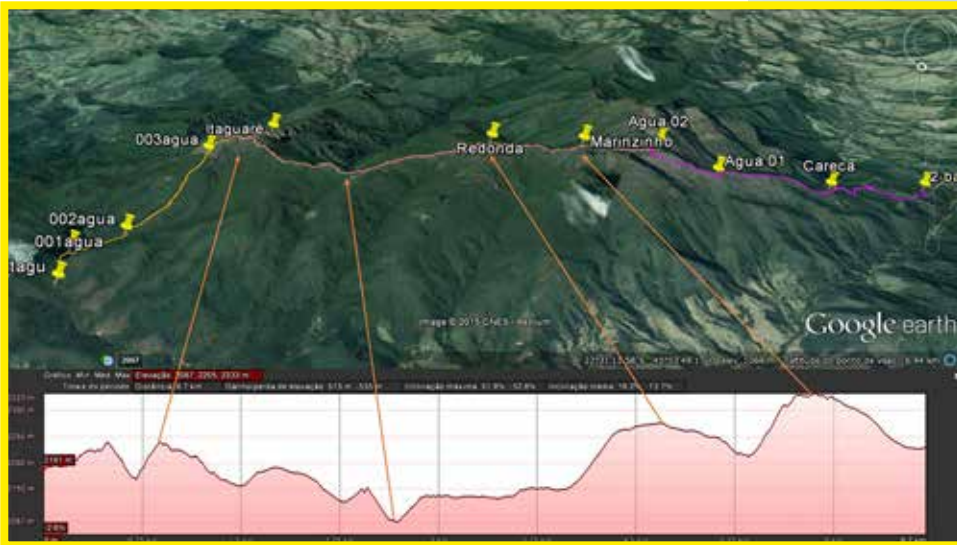
O início foi uma trilha razoavelmente inclinada até a base do Pico do Itaguaré. Muito cansativa, ainda mais com a cargueira nas costas. Levei duas horas até chegar à base e às 11h já tinha ido ao cume e descido. Achei fácil encontrar a trilha usando o Geotracker, foi bem tranquilo, boa parte dela era feita através de vegetação, o que facilitava a marcação do caminho.

Pensei que era moleza, mas foi

pura ilusão... A descida vinda do Itaguaré era longa e em dois ou três pontos perdi o caminho, apesar de estar em cima dele pelo gps. Em todos os casos consegui achar o caminho, não era muito óbvio. Perdia em torno de uma hora em cada enrolada dessa.

Quando cheguei ao cume da Pedra Redonda, já não era mais o mesmo. Muito cansado. Retirar e colocar a mochila a cada parada para alimentação e reidratação era custoso. Até que a garrafa reserva foi solicitada para encher o camellback que se esvaziara, era em torno das 16h e neste momento aconteceu um erro: a garrafa reserva soltou da minha mão e rolou pedra abaixo. Corri atrás dela e quando a alcancei havia apenas 2 dedos de água. Tentei me acalmar, pois ainda tinha mais 1,5 litros de água nos nalgenes, sendo que 750ml tinham virado suco de uva muito doce. Só sobrou em torno de um litro para beber. Ainda faltava bastante até o acampamento do Marins. Apressei o passo, mas economizei água.

Ao chegar à Pedra Redonda, não







*Itagaré ao fundo e em primeiro plano Pedra Redonda*

acreditava no monstro que se erguia à minha frente: o Marinzinho é um pico bem alto, sua subida foi custosa, mais ainda economizando água. Ao final tinha um trecho com uma corda para se puxar. Cheguei ao cume bem cansado, sentindo-me mal. Aí veio a segunda surpresa: não percebi que o mato havia desligado o fio do carregador solar que estava na parte de trás da cargueira. Perdi um contato que ligava o carregador solar ao telefone. Esse foi o segundo problema sério. Se o celular descarregasse, ficaria numa situação difícil, pois a tela do GPS Garmin era minúscula e a trilha era enrolada.

Na primeira área de acampamento que encontrei, eu fiquei. Já eram 19h, a noite estava escura e um céu maravilhoso se abria sobre minha cabeça. Às 19h30min entrei na barraca, bebi um pouco da água restante, coloquei a bateria reserva para carregar o celular e dormi até as 3h15min da manhã. Comi um pouco de doce e sanduíche. Voltei a dormir, só acordando às 6h40min.

Tinha marcado encontro com Egito e Sandra para a noite anterior, eles me esperavam chegar até às 20h, pois haviam se programado para sair agora às 7h da manhã. Arrumei-me o mais rápido que pude, comi mais um sanduíche, bebi todo o suco de uva e parti, eram 8h30min. Perdi-me de novo. Do cume do Marinzinho, não percebi que a trilha saía da crista da serra e descia em direção a um charco pelo lado direito. Gastei mais uma hora procurando o caminho, mas achei. Alcancei o acampamento na base do Marins às 10h da manhã, com dois dedinhos de água, a boca colando e sol na cabeça. Achei a barraca deles e procurei por água. Achei apenas uma pequena garrafa que foi bebida imediatamente. Depois a Sandra me falou que dentro da barraca tinha um saco estanque com 10 litros.

Procurei pelo ponto de água que ficava na subida do Marins, conforme indicado no gps. O que achei foi uma poça com água verde e espumosa. Preparei-me para esperá-los, mas

a sede e o calor me enxotaram de lá. Tentei subir o Marins, mas com apenas dois dedos de água e sem certeza de encontrá-los, desisti e parti para baixo. Faltava em torno de duas horas para terminar a caminhada. Saí do acampamento às 12h30min.

Perdi-me pela última vez tentando achar o caminho para outro ponto de água, mas era um ponto falso. Não parei mais para procurar água. Desci direto e às 14h já estava chegando à porteira no final do caminho, onde o Dito já me esperava num carro, com 2 litros de água fresca.

Fechei a travessia com um tempo bom e um gosto de fatalidade: a perda da água e o risco de ficar sem gps mostraram-me que, apesar de ter me preparado e ter levado baterias extras, uma aventura deste nível em solo era um risco muito grande. Se o telefone não funcionasse, achar o caminho com o outro gps e sem água seria uma operação bem arriscada.

Mas tudo terminou bem.

*Jorge Campos é guia do CEB*

**N**ossa intenção original era chegar ao cume da Agulhinha do Vento, conquista do Minchetti, situada no contraforte do Pico dos Marins – Piquete SP, mas cometemos alguns enganos que nos levaram a dois outros cumes: o do Maria e o do Mariana, adjacentes ao Pico dos Marins.

Egito, com Sandra Palhano

10

CENTRO EXCURSIONISTA BRASILEIRO

Há 48 anos, em 19/08/67, Raimundo Luiz Minchetti, cuja contribuição para o montanhismo brasileiro dispensa comentários, fez algumas andanças pela região de Piquete-SP, em companhia de Sergio Moreira Barcellos, Eduardo M. Gomes e Carlos Costa Leite. Tinham a intenção de chegar ao cume do Pico dos Marins e acabaram conquistando uma agulha inédita que batizaram de Agulhinha do Vento, conforme relatório parcialmente reproduzido a seguir:

“... com a intenção de atingir o Pico do Marins pela rota costumeira, mas em certo trecho verificamos uma agulha bem na parte leste do contraforte do Pico do Marins. Entre ela e o pico havia um grotão; aquela agulha era um ponto virgem da região. Ficamos entusiasmados, iríamos primeiro à agulha e logo após, de maneira também primordial naquela re-

gião, galgaríamos o Pico dos Marins por sua face Nordeste. O Sr. Costa Leite não nos acompanhou nesta empreitada. Após várias peripécias, ora caminhando ora escalando, atingimos o cume máximo da agulhinha, o qual nosso companheiro Sérgio denominou de AGULHINHA DO VENTO.”

Após o falecimento do Minchetti, o Tião, o mesmo do “lance do Tião” da via de escalada XV de Novembro, na Agulhinha da Gávea, passou-me uma cópia do relatório do Minchetti. O relatório contém algumas fotos, uma delas com certeza da agulhinha conquistada.

Como conheço o Pico dos Marins, em 2012, Sandra Palhano e eu, com os papéis do Minchetti às mãos, resolvemos tentar chegar a tal agulhinha. O termo agulhinha levou-nos a imaginar algo com o perfil semelhante ao da Agulha do Diabo, Agulhinha do Inhangá,

etc. Partimos de carro para Piquete, e logo após o portal da cidade, derivamos para a direita por uma estrada de uns 15km, que chega ao bairro dos Marins, e dali subimos por uma estrada de terra de uns 6km até a Base Marins, local de apoio para quem sobe para o Pico dos Marins, onde a trilha se inicia. Dessa estrada avistamos uma agulha imponente.

Aqui cometemos nosso primeiro erro. Pensamos logo que a agulha que avistamos era a tal Agulhinha do Vento, sem atentar para o detalhe que Minchetti e sua turma não haviam passado pela mesma estrada que nós, e sim pela Fazenda Seiqui, e que esse acesso à Base Marins não permite visualizar a agulha que vimos.

Calculei em horas o tempo necessário para ir do cume da agulha que avistamos até o cume do Marins. Mais tarde viemos a saber

## AGULHINHA DO VENTO MARIA MARIANA

# TRÊS CUMES QUE INTERESSAM





*O Focinho do Cão*

que são horas mesmo pela leitura do relato do Ângelo Geron, um cara que passou por lá descendo do cume do Pico dos Marins e a chamara de Focinho de Cão. Há controvérsias quanto ao nome Focinho, mas isso é outra história.

Como Minchetti escreveu em seu relatório que tinha gasto apenas 30 minutos para, saindo do cume da agora Agulhinha do Vento, chegar ao cume do Pico dos Marins, ficamos na dúvida se a agulha que vimos da estrada era a do Vento.

Certo dia perguntamos ao Maeda – um japonês autêntico, ex-montanhista que conhece bem a região – os nomes dos picos que estão perto do Marins e ele, vendo nossas fotos informou que eram: Pico Maria e Pico Mariana. O cume do Maria visto do Marins tem uma forma arredondada e o

do Mariana visto de outro ângulo tem uma forma mais pontiaguda, embora não lembre uma agulha como as que conhecemos.

Então, veio o segundo erro. O Ângelo Geron, já citado, chegou à base do Mariana em cerca de 30 minutos, tempo igual ao que Minchetti mencionara. Comouma montanha, dependendo do ângulo que se avista, muda de forma, não tivemos mais dúvidas e “batizamos” o Pico Mariana com o nome de ....AGULHINHA DO VENTO. Passamos a nos guiar pelo relato do Ângelo, que mostrava com fotos o caminho que ele fez para chegar ao Focinho de Cão passando ao lado dos picos Maria e Mariana. Mamão com açúcar. Em nenhum momento mais nos lembramos das fotos do Minchetti.

## **AS TENTATIVAS DE CHEGAR AO MARIANA**

Primeira tentativa. Em outubro de 2012, descemos do cume do Marins por um grotão sinistro. Tem chaminé, buraco apertado (Siminino e Menudo não passam, rá,rá,rá) igual ao buraco da galinha da Stop, rampa que precisa de ajuda do parceiro para subir (usamos fitas) e por aí vai.

Chegamos ao cume do Pico Maria e descemos para tentar o do Pico Mariana. Não deu, bate-mos em um desnível impossível de descer sem corda. Gol do Mariana (Agulhinha do Vento, na definição da dupla Sandra/Egito)

Ao voltarmos para o cume do Marins, um guia local nos disse que era possível descer fazendo rapel até a base do Mariana por um grampo

**Continua na próxima página**



O Buraco da Galinha

localizado à direita do desnível acima.

Segunda tentativa. Quando voltamos um ano depois, pensando na descida de rapel, levamos uma corda de 30m e fizemos dois ataques, sem sucesso; no primeiro desconfiamos que não fosse o caminho correto e voltamos. No segundo, achamos o grampo de rapel para a base, mas a corda era curta. Mariana 2 x 0.

Terceira tentativa. Em junho de 2015, voltamos e levamos uma corda de 50m, mas erramos feio na logística, ficou tarde e não quisemos correr riscos. Mariana 3 x 0, com gol contra da dupla.

Após a terceira tentativa, achamos na internet (sempre ela) um novo relato do Ângelo, com muito mais fotos. Como já conhecíamos o local, deu para perceber claramente onde ele se enfiou para chegar ao Mariana sem uso de corda.

Quarta tentativa. Em agosto de 2015, embora o Ângelo não

tivesse usado corda, por precaução, levamos 10m de fita para descer/subir um desnível que ele mencionou. Conseguimos chegar ao cume do Mariana, após furar mato e amassar bambuzinho.

Gol de honra da dupla Sandra/Egito.

### E a AGULHINHA DO VENTO?

Na última e bem sucedida tentativa acampamos na bifurcação da trilha Itaguapé/Marins. Fizemos fotos que depois comparamos com as do Minchetti. Achamos com quase toda certeza que a Agulhinha do Vento fica colada na encosta do Marins e parece ser muito fácil chegar ao cume. Alguém se habilita a pegar a lata de filmes fotográficos que o Minchetti deixou lá?

### E o FOCINHO DE CÃO?

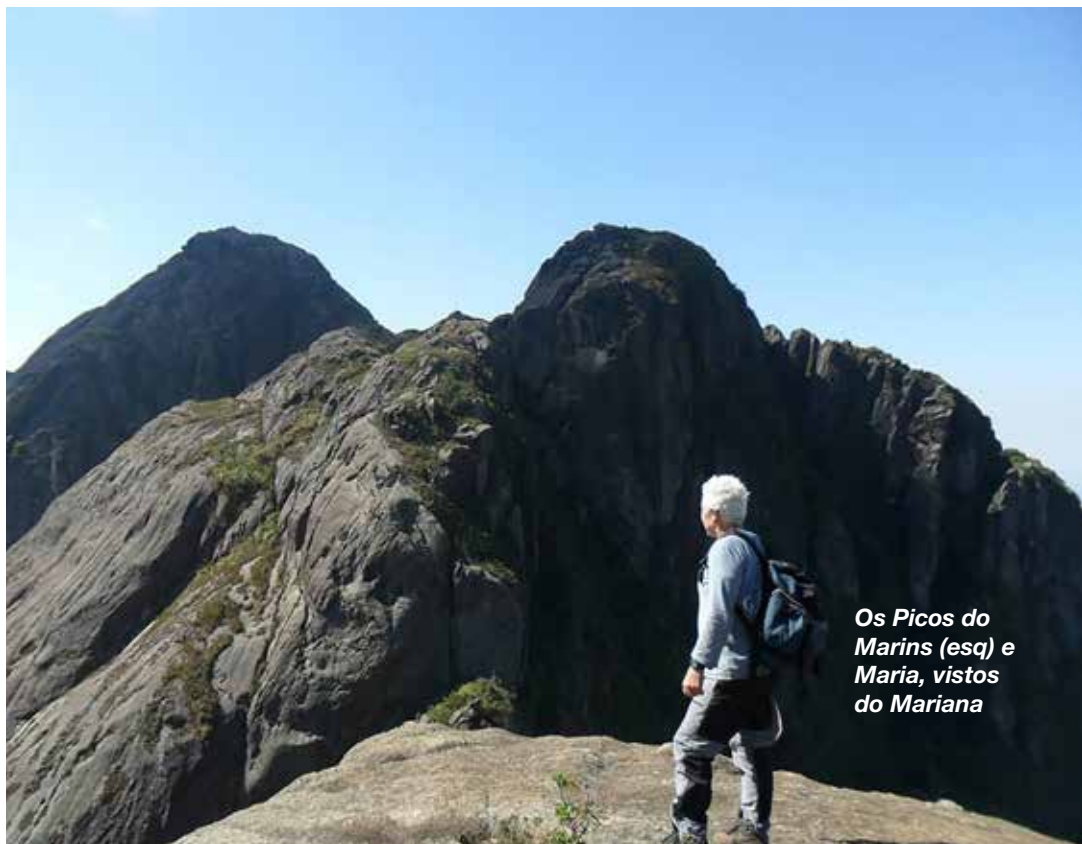
Chegar por cima à agulha que avistamos lá na estrada e que o

Ângelo chamou de Focinho de Cão não é tarefa para qualquer um e nos excluímos dela. Estamos satisfeitos de ter conseguido chegar ao cume do Pico Mariana que poucos que frequentam o cume do Marins se aventuram a ir.

Belo desafio para a atual geração de montanhistas do CEB: fazer um circuito começando na Base Marins e passando pelos cumes Marins-Maria-Mariana-Focinho de Cão e de novo Base Marins fechando o circuito. Coisa somente para bravos.

### FATO ENGRAÇADO (para nós)

Jorge Campos estava fazendo a travessia Itaguapé/Marins e combinou que ia se encontrar conosco na bifurcação para juntos subirmos o Marins e tentarmos o Mariana. Não chegou a tempo e nos desencontramos. Quando chegamos à nossa barraca, vimos água esparramada debaixo do meu isolante e um bilhe-



*Os Picos do  
Marins (esq) e  
Maria, vistos  
do Mariana*



*Os Picos Marins (esq),  
Maria e Mariana*

te dele explicando porque não chegara a tempo. Teve um contratempo, chegou cansado e sem água. Entrou para descansar um pouco e deve ter apoiado a cabeça sobre nosso recipiente de água. Este vazou um pouco pelo fecho a água escorreu por debaixo do isolante e ele não viu. Saiu de lá com sede. Tinha 10 litros de água o recipiente.

Para aqueles que tentarem che-

gar ao Focinho de Cão, de cima para baixo, passando pelos picos Marins e Mariana, aconselhamos ler primeiro o relato do Ângelo. (Google – Travessia Marins Focinho de Cão).

#### **AGRADECIMENTOS**

Ao grande Montanhista Raimundo Minchetti, que pela conquista da Agulhinha acabou nos colocando no cume do Mariana.

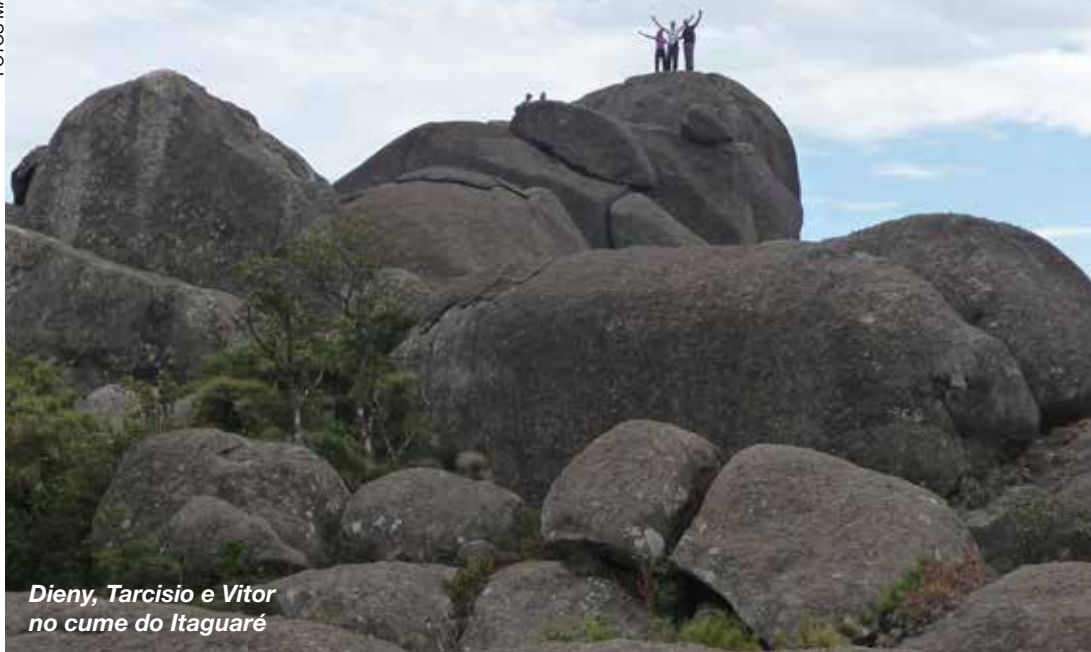
Ao Tião, que nos cedeu cópia do relatório do Minchetti. Serviu de base para as primeiras investidas.

Ao Willians Sousa, que nos forneceu o primeiro relato do Ângelo. O que fizemos não teria sido feito sem este relato.

*Sandra Palhano (guia) e Egito  
são sócios do CEB.*

# OS PICOS DO ITAGUARÉ E MARINS

FOTOS MARTINUS



*Dieny, Tarcisio e Vitor no cume do Itaguare*

14

CENTRO EXCURSIONISTA BRASILEIRO

Desde 12 de outubro de 2009, o Pico dos Marins estava atravessado na minha garganta. Era o terceiro dia da travessia Itaguare - Marins. O dia amanheceu coberto por uma neblina impenetrável e a nossa turminha, liderada por Seminino Antônio, viu-se obrigado a descer para a Base Marins sem visitar o principal cume da travessia. Por isso, quando Jorge Campos e Sandra Palhano me convidaram para ajudar a organizar uma excursão aos Picos do Itaguare e o dos Marins, exatos 6 anos depois, não tive dúvida.

Martinus van Beek

Parece que Itaguare quer dizer Pedra das Garças. Duvido um pouco: ao subir esta montanha no dia 10 de outubro não vimos garça nenhuma, nem lago ou riacho necessários para a sobrevivência dessa graciosa ave. Depois de uma viagem de cinco horas do Rio até o Refúgio Base Marins (Piquete) e outra de uma hora de Kombi até a Base Itaguare (Passa Quatro), começamos a caminhada às 13h30 (uma turminha de quatorze). A subida consiste de duas partes bem distintas: a primeira é uma subida íngreme e cansativa de uma hora e meia, por uma área florestada; depois começa a parte mais bonita, cheia de formações rochosas singulares (algumas parecidas com garças...), com flores vermelhas que incrivelmente brotam da rocha, e com vistas impressionantes sobre o percurso da travessia. O cume consiste de um caótico aglomerado de

pedras enormes que exige sucessivos pulos de gato. Apenas três participantes (Dieny, Vitor e Tarcisio, parabéns!) pularam até cume do cume (2307m).

Dia 11 de outubro: meu dia de vingança. Começamos, desta vez um grupinho de dezesseis, pontualmente com 10 minutos de atraso, às 8h10. A subida ao Pico dos Marins parece que nunca termina. Passa pelo Morro Careca (1608m), por vários mirantes com vistas sobre os Picos Mariana, Maria e Marins. E também, à esquerda do Marins, sobre uma Agulhinha do Vento, que está atravessado na garganta do Egito (vejam o artigo dele nesta edição). A partir da altitude de 2100m o vertente da subida muda para os picos que fazem parte da travessia: o Marinzinho, a Pedra Redonda e mais ao fundo, parecendo um



*Início da subida do Marins, com vistas sobre o Marins (esq) Maria e Mariana*



*Subindo o Marins*



*A turma no cume do Marins*



*Ataque final ao cume do Marins*

15

castelo místico, o Itagararé. Vistas maravilhosas que seis anos atrás ficaram escondidas pela neblina. Por volta das 11h30, altitude 2250m, passamos pela junção da travessia. Depois de passar, ao longo de uma hora, por muita trepa-pedra e vários falsos cumes, chegamos ao topo dos Marins (2421m). Jorge Campos, que havia chegado bem antes, acompanhado por Vitor e Tarcísio, depois de um

sobe-desce longo e radical e de trechos de mata fechada, chegou ao cume do Pico Mariana, onde deixou uma marmita com um livro de cume. Parabéns aos três!

O sucesso da excursão foi comemorado com um modesto queijos e vinhos no Refúgio Base Marins. Dispensado dizer que todos dormiram muito bem aquela noite...

*Martinus é guia do CEB*

**E** que viagem... Como montanhista já tinha algum conhecimento da Serra da Capivara e ouvido muitos elogios dos amigos. Mas ainda não havia batido aquela vontade de ir até lá. Neste ano, como eu tinha mais alguns dias de férias sem saber o que fazer, combinei com Carlos Cordeiro, Lucia Rausis e Júlio Valério de nos aventurarmos pela famosa serra. Confesso que li um pouco a respeito e Carlos estudou todo o roteiro. Compramos as passagens para Petrolina, alugamos um Logan e lá fomos nós atrás de nossa aventura. Quando era questionada sobre o local das férias e respondia: “Piauí”, era um tal de nariz torto... Com tanto lugar legal, porque na caatinga? Perdoe-os, eles não sabem o que dizem!

Simone Leão



*Pintura rupestre na Serra da Capivara*

# UMA VIAGEM PELA SERRA DA CAPIVARA E A SERRA DAS CONFUSÕES

16

CENTRO EXCURSIONISTA BRASILEIRO

Chegamos a Petrolina à noite e já assumimos nosso carro; GPS na mão (navegado por Carlos) rumo ao nosso hotel, bem na orla do Rio São Francisco. Pizza à noite que ninguém é de ferro! Ficamos surpreendidos com o desenvolvimento da cidade: prédios altos, novos; ruas largas, limpas e bem sinalizadas. Diria até: um primor!

Domingo - tudo arrumado, malas no carro e saída para o passeio no Vapor do Vinho. Um ônibus de turismo fez nosso traslado até a Vinícolas Terra Nova, em

Casa Nova (Bahia), onde recebemos aula e degustação. De lá, navegamos no Vapor do Vinho pela represa de Sobradinho, que tem quase 400km de extensão e alguns trechos com até 50km de largura. Até bem pouco tempo atrás, esta navegação era bem mais extensa. Mas o Velho Chico está ficando muito raso e a represa encontra-se inativa há alguns anos. A cor da água é deslumbrante...

Passamos pela eclusa e depois de um almoço maravilhoso e muito bem servido, chegamos a um dos muitos bancos de areia

(Ilha da Fantasia). Não se pode esquecer que aquilo tudo é uma represa; cuidados especiais são necessários ao entrar na água.

Chegamos ao Hotel quase às 18h, pegamos o carro e, estrada, para que te quero? Inicialmente seguiríamos para São Raimundo Nonato via Remanso (BA) por ser mais perto. Mas 45km de estrada de barro não dá. Preferimos seguir por Afrânio (100 km a mais) numa estrada ótima e nova – uma imensa reta com aclives e declives de se tirar o chapéu. Somente alguns quilômetros





**Caldeirão do Rodrigues na Serra da Capivara**

FOTO CARLOS CORDEIRO



**Pintura rupestre**

com buracos traiçoeiros. Toda a atenção é pouca para os animais na pista: jegues, cabras, cabritos, cavalos e vacas.

Chegamos exaustos a São Raimundo Nonato, a quase 400km de distância, e nossa primeira gargalhada na cidade foi: ao pedirmos informação, um cidadão nos disse que deveríamos “enroscar” na praça da Matriz. Daí em diante ficávamos sempre atentos ao pequeno dicionário do Piauí.

**Continua na próxima página**

## O Parque Nacional Serra da Capivara

Este parque está localizado no sudeste do Estado do Piauí. Sua superfície é de 129.140ha e seu perímetro é de 214km. A distância que o separa da capital do Estado, Teresina, é de 530 Km. Cumprimos o seguinte programa:

**1º dia** - Desfiladeiro da Capivara – A entrada do parque é paga e é necessária a contratação de condutor, no nosso caso Rafael Martins (excelente) e, toca após toca, entramos na viagem de nossos amigos pré-históricos. Nessas tocas pudemos ver os desenhos rupestres retratando suas atividades, como caça, sexo, festas, e até pesca! Sim, lá no Piauí tinha água, e muita, por todos os lados - a geologia não deixa mentir.

O que não falta são tocas: visitamos a Toca da Entrada do Pajaú, a Toca do Inferno, a Toca do Barro, a Toca da Entrada do Baixão da Vaca e a Toca do Paraguai. Depois de um almoço extremamente bem servido tocamos para a Toca da Invenção, a Toca da Boca do Sapo, a Toca do Partilhado e a Toca da Pedra Caída.

**2º dia** - Visitamos o Boqueirão do Pedro Rodriguez, a Toca do Boqueirão do Pedro Rodrigues (existe uma trilha de 9km com uma descida de 60m em escada sem nenhuma proteção, que não fizemos). Passamos pelas Vistas Panorâmicas da Pedra Furada e da Planície, pelo Centro de Visitantes, pela Toca do Boqueirão da Pedra Furada e a Pedra Furada. Depois do almoço visitamos o Povoado Sítio do Mocó e o Museu do Homem Americano, onde ficamos surpreendidos com o ambiente moderno. Visitamos ainda a Serra Vermelha (a 20km de São Raimundo Nonato) com

o Boqueirão do Puxa e o Baixão das Andorinhas (na verdade, não são andorinhas... ao entardecer elas entram no boqueirão numa velocidade fantástica e virou ponto turístico).

**3º dia** – Visitamos o Baixão da Pedra Furada; Vista Panorâmica do Baixão da Pedra Furada; Tocas da Fumaça; Trilha do Carlindo (onde tivemos uma interessante vivência no meio dos macacos e um pouco assustadora com o macaco-alfa, grande líder). Depois de uma passagem pelo Centro de visitantes e um almoço no Povoado Sítio do Mocó, visitamos a Trilha Humbu, a Toca do Macaco, a Toca da Roça do Sítio do Brás; a Casa do Alexandre; e novamente o Baixão das Andorinhas.

**4º dia** – Visitamos a Serra Branca (onde a rocha é da cor gelo claro e onde moravam muitas famílias até meados do século XX), a Toca do Juazeiro, a Toca do Forno, a Vista Panorâmica, o Olho d'água, a Casa do João Sabino, a Toca do Vento, a Toca do Mulungu (onde Maria Mulata casou-se pela terceira vez).

No final do dia retornamos a São Raimundo Nonato.

### A Serra das Confusões

No dia seguinte deixamos de lado nosso guia local e partimos por quase 90km e 90 quebra-molas (eu contei) para a Serra das Confusões. A entrada principal desta unidade de conservação, uma das 320 administradas pelo ICMBio, é pelo município de Caracol.

A caatinga é a formação vegetal característica desta Serra e de toda a zona semiárida do Nordeste Brasileiro; na estação das chuvas ela torna-se uma floresta verde e, quando não chove, transforma-se na mata branca (denominada de caatinga pelos tupis-guaranis).



A população conta que a Serra das Confusões recebeu este nome porque sua cor mudava várias vezes durante o dia, em função da inclinação da incidência solar e isso provocaria uma “confusão” na cabeça das pessoas que passavam por ali, levando muitos transeuntes a se perderem e, por vezes, não chegarem aos seus destinos.

No nosso caminho até Caracol passamos por vários e minúsculos povoados, cada um com seu pequeno cemitério (nove, eu contei). Como não podia deixar de ser, o calor e a seca estavam no seu melhor dia. Víamos muitos homens sem fazer nada... pensávamos: onde estão as mulheres destes homens? Trabalhando, é claro. Descobrimos que recebem bolsa família e se tiverem carteira assinada, perdem este benefício e, portanto, só vivem de “bico”.

Bem, lá fomos nós numa pick-up do parque por 30km de terra, areia e rocha. Em nosso trajeto até o Olho D'Água passamos por al-



guns núcleos de Casa de Farinha, Casa dos Visitantes e, avistamos, ao longe, um incêndio que lambia a caatinga há algumas semanas (a brigada antifogo só consegue trabalhar à noite devido ao calor insuportável; vale lembrar a atuação de voluntários).

A rocha é incrivelmente porosa (perfeita para escaladores; ei, nem pensem nisto, é proibido). Descendo a Serra chegamos à trilha que leva à Gruta Riacho do Boi. Uma escada de 50m, aberta no meio da mata, é o caminho até a entrada da gruta. Nada mais é do que um canyon – um grande corredor de areia finíssima, árvores muito altas, “50 tons de verde exuberante” no meio do cinza. Lamentavelmente, ao lado de diversos rabiscos de nomes, um grande rabisco na rocha dizia: Preserve a Natureza. Será que daqui a muitos milênios algum arqueólogo vai identificar como nomes de apaixonados?

Bem, na época das chuvas, a partir de novembro, este oásis é

coberto por água! Sim, eu disse ÁGUA, e abundante! Os moradores têm cisternas grandes, com capacidade para quatro meses de seca - depois disso, somente carro pipa. Um pouco depois da entrada da trilha da gruta chegamos ao Olho D'Água. A água limpíssima brota da rocha sob um calor insuportável (água mole em pedra dura...); pois é, ela vem chegando de mansinho para atender a muitos pássaros, e toda a sorte de animais.

Ao chegarmos à Casa de Farinha, às 13h, não imaginávamos como é penoso fazer este alimento: descasca-se a mandioca, passa-se por uma máquina, onde é triturada. Depois vai para um tanque com água (mexer sem parar); essa massa é levada para umas telas para retirada da água (espremida na mão), depois é espremida novamente na prensa e só então vai para a torrefação. Neste caso, um homem estava revirando a farinha deste as 2h da manhã!!!


Acordamos bem cedo para en-

cararmos os 400 quilômetros de volta para Petrolina e então, vimos bem a estrada e seus muitos animais soltos: cabras, gado e jegues. Esta rodovia está nova, mas um trecho de cerca de 40 km tem muitos buracos traiçoeiros. É impressionante ver um verdadeiro oásis de verde no meio da grande seca; algumas árvores têm a capacidade de tirar água das profundezas. Deixamos a bagagem no hotel e fomos para Juazeiro, seguindo a indicação para Bode Assado (e toda esquina tem um) da Anita. Confesso que escolhi carneiro assado.

A diferença entre as duas cidades é gritante, apesar da curta distância: Juazeiro tem um jeito bem festeiro na sua orla e antigos casarios no centro, bem diferente da moderna Petrolina com seus prédios incríveis.

Espero conhecer a parte do Norte em breve: Delta do Parnaíba e Sete Cidades.

*Simone Leão é guia do CEB*



O grupo subindo o “mar de dunas”

# LENÇÓIS...

## COM DIREITO A FRONHAS

20

CENTRO EXCURSIONISTA BRASILEIRO

O encontro do grupo em Barreirinhas para a realização da travessia dos Grandes Lençóis Maranhenses deu-se em 06 de outubro de 2015, mas o plano surgiu, pelo menos, um ano antes. Um dos responsáveis pela ideia, o Sinézio, por questões particulares, não pôde participar, mesmo já com passagens compradas. Eu entrei no grupo por acaso, sem ser convidada, levando outro “penetra”, o Antonio Dias. Assim, o grupo fechou em nove participantes.

Sonia Bugim Ruel

Essa travessia possui uma peculiaridade própria por vários motivos. Tudo o que diz respeito a travessias em montanhas, é bom esquecer... Lá, o que se encontra resume-se a imensidão branca de dunas de areias fofas e infinitas, algumas com até 40 metros de altura, lagoas transparentes (nem todas cheias neste período) e muuuuuito vento, o que impede esquentar a areia sob os pés. Por outro lado, o vento forte e constante provoca incômodo do choque dos grãos de areia nas pernas ou qualquer outra parte do corpo descoberta. Fato este, que o melhor traje para a caminhada lá, é calças e mangas compridas (tecido dry-fit), além de chapéu e muito protetor solar. Nos pés, sandálias do tipo papete e meias. É belíssimo o espetáculo

do movimento contínuo das areias provocado pelo incessante vento, modificando constantemente a geografia local. Deve-se ter extremo cuidado com o material fotográfico, pois facilmente ficará danificado pela areia se ficar exposto.

O Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses, é uma Unidade de Conservação gerida pelo ICMBio, localizado no litoral oriental do Maranhão, a 162 km de São Luís e compreende uma superfície de 155 mil hectares, distribuídos pelos municípios de Barreirinhas, Primeira Cruz e Santo Amaro. O nosso objetivo foi atravessar os Lençóis, desde Canto de Atins até Santo Amaro, caminhando e, é lógico, com banhos nas maravilhosas lagoas por onde passávamos... além de



*O início da travessia, junto ao mar, com fortes ventos e tempestades de areia, numa praia mais plana que pista de aeroporto*

FOTO WILLIANS SOUSA



FOTO WILLIANS SOUSA

*Ainda junto ao mar por 12 km, até entrar para as dunas*



irmos a Fronhas. Devo acrescentar que ainda no dia 06/10, véspera da travessia, fizemos um passeio pelas dunas para registarmos o maravilhoso pôr do sol. Mergulhamos na Lagoa do Peixe e outras sem nome (a Azul estava sem água). Esse passeio foi um pequeno treino para o nosso objetivo, que nos exigiria muito de nossas energias. Ao longo do caminho de volta, já anoitecendo, colhemos uma quantidade enorme de caju absolutamente suculentos, mesmo sob pena das picadas dos mosquitos famintos.

Após um generoso desjejum, descemos o Rio Preguiças de voadeira, contemplando suas margens com, inicialmente,

**Continua na próxima página**



*Parada  
para  
banho nas  
inúmeras  
lagoas*

22

CENTRO EXCURSIONISTA BRASILEIRO

magníficos pés de buriti e gigantes manguezais. Passamos por Vassouras, onde visitamos as dunas locais, que fazem parte dos Pequenos Lençóis. Ficamos impressionados com a grande quantidade de macacos-prego que ali vivem. Tentaram nos roubar alimentos, avançando em nossas mochilas. Dali, partimos para o farol de Mandacaru e, é lógico, nele subimos para fotos panorâmicas da região. Todo o grupo não resistiu e experimentou sorvetes de sabores regionais e o melhor, baratíssimos!

Nossa próxima parada, Caburé, onde existem várias pousadas. Após a visita ao mirante, fomos avisados que a voadeira estava

enguiçada. Sob um sol abrasador, aguardamos uma nova lancha nos resgatar. Finalmente, chegamos a Atins, onde dali para frente contaríamos somente com nossos pés. Naquele trecho inicial, a areia estava muito quente e, por azar, todos os restaurantes estavam fechados, obrigando-nos a sacar das mochilas as reservas de biscoitos e frutas. Mas nem tudo deu errado: numa birosca, conseguimos cerveja. Lanchamos e bebemos ao som de “reggae”, que é a música preferida no Maranhão. Por essas circunstâncias desfavoráveis, o grupo optou por ir até Canto de Atins, de Toyota, que nos foi oferecida pelos locais. Hospedamo-nos na pou-

sada Canto dos Lençóis, do Sr. Antonio, irmão da famosa Dona Luzia. Lá, finalmente, saboreamos uma boa refeição à base de camarão. Na manhã seguinte, partimos cedo para a caminhada, que durou pouco mais de sete horas. Foi um percurso longo, porém bastante agradável. Inicialmente, ao longo da praia, depois adentramos as dunas até Baixa Grande. Tivemos o privilégio de banho na deliciosa Lagoa do Boi. De acordo com a informação do guia Biziquinho (Walter de batismo), nos poucos momentos que falava, as lagoas recebem nomes apenas quando perenes. Por volta das 14h, chegamos a Baixa Grande, onde pernотamos no re-



dário da casa de Dona Dete e seu marido Moacir. Ambos muito comunicativos e contadores de “causos”. Ficamos bem à vontade naquele lugar, em cujo terreiro, se movimentava uma grande variedade de animais domésticos. O galo foi o nosso despertador na madrugada seguinte. Cansados, não nos incomodou o fato de o gerador ficar ligado apenas até as 22h. Sabíamos que, no dia seguinte, esperava-nos nova jornada, embora mais branda. Além de vários mergulhos em diversas lagoas, saboreamos pelo caminho frutas locais, como mirim, murici, puçá, cajurus e cajus em abundância.

Desta feita, ficamos hospeda-

dos no redário da casa do guia, em Queimada dos Paula, ao lado da Queimada dos Britos. Sua esposa, Maria de Jesus, preparou-nos o almoço no fogão a lenha, em cujo cardápio foi incluído peixe pescado pelo seu pai, que é vizinho. Tarde de descanso antes de, uma parte do grupo, tomar banho na lagoa das proximidades e outra parte ver o pôr do sol no alto das dunas, curiosamente guiados pelos filhos do guia, o menino de 7 anos e a menina de 3 anos. Toda a família envolvida no sustento pelo turismo.

No último dia de caminhada, considerado o mais duro, passamos por diversas lagoas e, em algumas (como Red Bull e

Emendadas), paramos para banho. Mas, o momento mais relaxante foi brincar de rolar nas dunas para cair na água, bem como nos enterrarmos na areia movediça ao longo das lagoas. Foi divertidíssimo brincar como crianças! Por outro lado, passamos por muitas lagoas secas, haja vista não ser período de chuvas. Subindo e descendo dunas, parecemos interminável aquele último dia. Mais uma vez nos rendemos à tentação de completarmos o percurso motorizados. O guia fez contato com uma Toyota, que nos pegou depois das Lagoas Emendadas. Assim, chegamos a

**Continua na próxima página**

*Travessia  
por dentro  
das lagoas,  
vantagem  
das lagoas  
com pouca  
água*



*Grupo  
subindo  
mais uma  
duna*

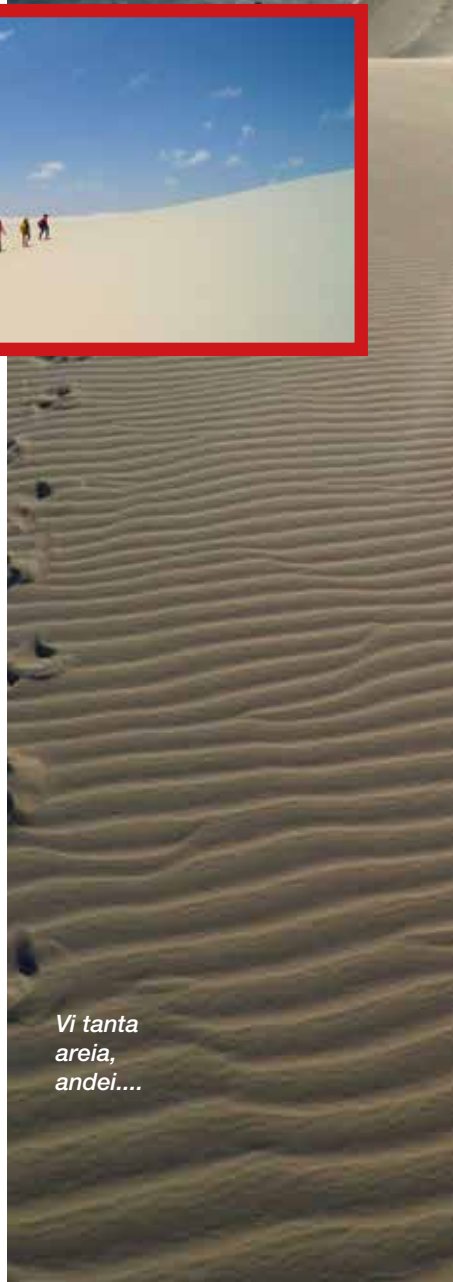


Santo Amaro, uma cidade pequena, porém com estrutura para receber turistas. Lá, na pousada reservada pelo guia, resgatamos as mochilas grandes (enviadas por frete de Barreirinhas) e nos hospedamos. Antes, porém, fomos à busca de refeição na orla do Rio Alegre. Curiosamente, o veículo 4X4 que nos transportava, atolou no areal tórrido das proximidades, que dá acesso ao restaurante. Todos descemos para empurrar na areia escaldante. Foi demais aquele imprevisto!

Completada com absoluto sucesso a travessia dos Grandes Lençóis, o grupo mantinha-se em perfeito estado físico e psicológico e ansioso para dar continuidade ao programa planejado, ou seja, a segunda parte: Fronhas. Pode parecer estranho este nome, afinal, nunca ouvi alguém mencioná-lo. Até cheguei a pensar que fosse brincadeira do Adilson. Seguindo ele, o nosso amigo Sinézio foi o precursor da travessia de Fronhas (inicia no Banco de Sernambi e termina em Carimã), na cidade de Raposa. Este fato ensejou-nos a homenageá-lo denominando esta travessia, a partir de agora, de “Travessia das Fronhas

do Sinézio”. O percurso desta travessia, que dura em torno de 1h50, passa por trechos de vegetação rasteira, mas que arranha as pernas, e altas dunas de areia, as quais tivemos que subi-las por trás, onde a duna é muito fofa e a cada 2 passadas você volta uma, além do forte vento contrário, nos enchendo os olhos de areia. O trecho final, muito agradável, é ao longo de uma praia. Demos mergulhos merecidos, e saboreamos um delicioso almoço com mariscos, patinhas de caranguejo e camarões gigantes na brasa, que não deixam a desejar o famoso camarão da Luzia. Há quem diga que esta travessia foi de “tirar o couro”.

*Sonia Bugim Ruel  
é sócia do CEB*



*Vi tanta  
areia,  
andei....*







## DEZEMBRO

- 01 EDUARDO PALAFOZ DOURADO
- 01 FERNANDA VARGAS B. FERNANDES
- 03 WU LY YUN
- 04 ALEX PEREIRA DE CASTRO LEAL
- 05 VINICIUS TRINDADE GONZALEZ DIAS
- 05 DANIEL DANTAS ALVARENGA
- 06 CRISTIANE MESQUITA BORTOLUZZO
- 09 RUBEN SADI F BRITO
- 10 HENRI SIDNEY NDIONE
- 10 LIVIO CESAR TORRES PEÇANHA
- 12 WESLEY SILVA DA COSTA
- 12 VERÔNICA MARIA CASTRO DE PAULA
- 14 LAIS D. DIAS
- 14 WELLINGTON EUDES DE LIMA
- 15 SIMONE MAGALHÃES
- 17 MARCOS DA SILVA BUGARIN
- 18 ANDRÉ ROBERTO JAKURSKI
- 18 SILVIO FIGUEIREDO LIMA FILHO
- 19 NEIDE DE VASCONCELLOS FERREIRA
- 19 ALEXANDRE CIANCIO
- 19 JOSE ALFREDO THOMAZ
- 20 SANDRA PEREIRA PALHANO
- 20 MICHELE MOREIRA DE MELO
- 21 WILSON ABDO ABUGEBER
- 21 GIL XAVIER LACERDA
- 21 ALMIR SILLER DE ABREU
- 21 MARCO ANTONIO GONÇALVES GARCIA
- 22 RENATO PEREIRA BELLIZZI
- 23 SERGIO COSTA DE LIMA
- 24 MARIA DALVA MOREIRA GONÇALVES
- 24 LEONARDO BERALDO MASUTTI
- 24 NATALIA DOS SANTOS DIAS
- 24 ALUISIO MEDEIROS DA ROSA BORGES
- 24 THIAGO ROCHA HAUSSIG
- 24 PAULO ROBERTO MUNIZ
- 25 PATRICIA TORRES REIS DA COSTA
- 26 ALEXANDRE PICCININI
- 26 MARCELO TEIXEIRA MARTINS
- 29 THIAGO MOURÃO
- 30 DANIELLE DE CASTRO PETRALHA
- 30 MAURA FERREIRA LOPES DA COSTA
- 30 RENATA CABRAL RIBEIRO
- 31 SÔNIA RAGUCCI S. FREIRE
- 31 CARMEN ELIZABETH LAGE WAZLAWIK

## NOVEMBRO

- 04 MAURICIO CARVALHO CARNEIRO DA SILVA
- 05 MAOTSE FELIX BRASIL
- 05 CLOVIS JOSE FITARELLI
- 05 LUCIA MARIA PINTO MACIEL
- 06 FERNANDA PESTANA SANTANGELO
- 07 FRANCISCO DE LEMOS GONDIN DA FONSECA
- 07 JOSÉ BARREIROS MANSO FILHO
- 07 FERNANDO JOSE DE MAGALHÃES
- 09 MARIA HERMOSO CRISTOBAL
- 15 MANOEL DA SILVA GONÇALVES
- 15 JOSÉ PELAIO TEIXEIRA GONÇALVES
- 16 ALEXANDRE SOUZA FAIA
- 17 ANTONIO AUGUSTO CAMPOS
- 18 FLAVIO DOS SANTOS NEGRÃO
- 18 PAULA CÁRCAMO
- 18 VITOR CABRAL PONTES DE CARVALHO
- 18 ALERRANDRO LEAL FARIAS
- 18 SOLANGE MARIA DE ALMEIDA
- 19 LUCIMEIRE SILVA
- 19 REGINALDO JOSÉ TAUCEI
- 20 EDNA MARIA GOMES
- 21 FREDERICO DA SILVA NOGUEIRA
- 21 JOSÉ CARLOS DE OLIVEIRA
- 23 TELMA MARIA DE OLIVEIRA JAVOSKI
- 23 CYNTHIA DE OLIVEIRA SÃO JOSÉ
- 24 RODRIGO CHIARADIA
- 24 SERGIO LUIZ DANTAS DE ALMEIDA
- 25 JULIANA DE ANDRADE MARQUES
- 27 RITA DE CASSIA BITTAR
- 28 MARIA APARECIDA FERREIRA BARCELLOS
- 29 REGINA ESTHER ERTHAL GOMES
- 30 JOSÉ DE ALENCAR SILVA JÚNIOR

## CHEGANDO À BASE



- 03821 - HUGO DE CASTRO PEREIRA
- 03822 - VALDIR SILVEIRA
- 03823 - ALEXANDRE ARARIBA DOS SANTOS
- 03824 - PAULO ROBERTO DE BARROS PIMENTEL NETO
- 03825 - LUIZ CLAUDIO TERÇO DIAS
- 03826 - LUIZ BUCHMAN
- 03827 - ALVARO B DE MELLO JR
- 03828 - PAULA CÁRCAMO
- 03829 - LAURO LUIZ BEZERRA DO SOBRAL
- 03830 - JOSE LOPES MAGALHÃES
- 03831 - LUIZ GUSTAVO MENDONÇA PAAPE
- 03832 - RAFAEL FLORES LIMA PORTO
- 03833 - MARCO AURELIO NEVES JUNIOR
- 03834 - RENATO VILLELA
- 03835 - MARIA ANITA I. MATTENBERGERTOZZI

# ANIVERSÁRIAS

26

CENTRO EXCURSIONISTA BRASILEIRO

# PROGRAMAÇÃO veja a programação atualizada no site [ceb.org.br](http://ceb.org.br)

DATA	ATIVIDADE	CLASSIFICAÇÃO	LOCAL	DIREÇÃO
31/10/2015	COROA DO FRADE	PESADA COM LANCE DE SUBIDA EM NEGATIVO ESCALADA E DESCIDA E	P.N.S.O - PETRÓPOLIS	FRANCESCO BERARDI / CLÁUDIA BESSA DINIZ DE MENEZES
31/10/2015	PEDRA DO PAPUDO	CAMINHADA SEMIPESADA	PNSO	ALMIR SILLER DE ABREU
31/10/2015	TRAVESSIA ALTO DA BOA VISTA X MUDA VIA PICOS D A CARIOCA E CARIOCA MIRIM	LEVE SUPERIOR	RIO DE JANEIRO	HORACIO ERNESTO RAGUCCI / EDUARDO LOPES DE SOUZA JR
31/10/2015	PAREDÃO LEONEL TERRAY	3º GRAU ART. A1	P.N.T	JOSÉ MARIA FAGUNDES DA CRUZ
31/10 - 2/11/2015	PEDRA AGUDA	CAMINHADA LEVE SUPERIOR COM LANCE EM ESCALADA A1 C	SANTO ANTONIO DE BARRA ALEGRE - BOM JARDIM - RJ	SIMONE HENOT LEÃO
7/11/2015	CAMINHADA INFANTIL: DO VISCONDE E MUSEU DO AÇUDE	MORRO	CAMINHADA LEVE	FLORESTA DA TIJUCA/ ANA MARIA XAVIER
14/11/2015	DEDINHOS DO DEDO DE DEUS	CAMINHADA PESADA	PNSO	EDUARDO LOPES DE SOUZA JR
14/11/2015	GRUTAS DO SPAR E MORRO DO REBENTON	LEVE SUPERIOR	MARICÁ E SÃO GONÇALO	HORACIO ERNESTO RAGUCCI
14-15 /11/2015	FRADE DE ANGRA	SEMIPESADA	BANANAL SERRA DA BOCAINA	ANA MARIA XAVIER DE ASSIS / FLAVIO DOS SANTOS NEGRÃO / JOSÉ CARLOS DE OLIVEIRA
14/11/2015	COCANHA VIA COVA DA ONÇA	SEMIPESADA	P.N.T.	JOSÉ MARIA FAGUNDES DA CRUZ
<b>16/11/2015</b>	<b>SARAU DO CEB</b>	<b>SEDE DO CEB</b>	<b>MARTINUS VAN BEECK</b>	
19/11/2015	PARQUE ESTADUAL DE IBITIPOCA	LEVE - LEVE SUPERIOR E BIKE	CONCEIÇÃO DE IBITIPOCA - MG	ANTÔNIO CANDIDO DIAS/ FLAVIO DOS SANTOS NEGRÃO/ RICARDO MOREIRA BARBOSA/ RODRIGO TAVEIRA
20-22/11/2015	REFLORESTAMENTO E CAMINHADAS EM ANDRADE COSTA	CAMINHADAS LEVES	ANDRADE COSTA - VASSOURAS	MARTINUS VAN BEECK ADILSON RODEGHERI PEÇANHA SIMONE HENOT LEÃO
28/11/2015	TRAVESSIA DA NEBLINA - VIA MIRANTE	PARQUE NACIONAL DA SERRA DOS ORGÃOS	SEMIPESADA C/ LANCES DE ESCALADA	SIMONE ESTER CAPELA
28/11/2015	PAREDAO PARAISO PERDIDO	3Â° VE2 D2	PNT	JOSÉ MARIA FAGUNDES DA CRUZ
5/12/2015	TRAVESSIA ALTO DA BOA VISTA x FREGUESIA (JACAREPAGUÁ)	CAMINHADA LEVE SUPERIOR	FLORESTA DA TIJUCA	ESTER CAPELA MARTINUS VAN BEECK
<b>10/12/2015</b>	<b>CONFRATERNIZAÇÃO DE NATAL</b>			<b>SEDE SOCIAL DO CEB</b>
12/12/2015	ALTO MOURÃO	LEVE SUPERIOR	NITERÓI	EDUARDO LOPES DE SOUZA JR
<b>17/12/2015</b>	<b>FESTA DOS ANIVERSARIANTES DO MÊS DE DEZEMBRO</b>			<b>SEDE SOCIAL DO CEB</b>
31/12/2015	TRÊS PICOS - REVEILLON 2016 - CAMINHADAS DIVERSAS	CAMINHADAS SEMIPESADA E LEVE SUPERIOR	PARQUE ESTADUAL DE TRÊS PICOS	ESTER CAPELA
19/01-04/02/2016	CAMINHADAS EM BARILOCHE SAN MARTIN DE LOS ANDES LOS ANDES ARGENTINA	LEVES - LEVES SUPERIOR E PESADAS	BARILOCHE E SAN MARTIN DE LOS ANDES	HORACIO ERNESTO RAGUCCI
15/04/2016	TRAVESSIA LONGITUDINAL DAS AGULHAS NEGRAS	PESADA COM ESCALADA	PARQUE NACIONAL DO ITATIAIA	ESTER CAPELA
26-29/05/2016	PARANA - C/ CAMINHADAS DIVERSAS	CAMINHADAS LEVE E SUPERIOR PESADA	PARQUE ESTADUAL DA SERRA DA BAITACA	ESTER CAPELA
10-12/06/2016	PEDRA DO BAÚ	LEVE SUPERIOR	SÃO BENTO DO SAPUCAÍ	ESTER CAPELA / HORACIO ERNESTO RAGUCCI
29-31/07/2016	PICO DA BANDEIRA DO CAPARAÓ / MG	SEMIPESADA COM ACAMPAMENTO	PARQUE NACIONAL	ESTER CAPELA
02-16/08/2016	A VOLTA DO ALPAMAYO TREKKING DE 9 DIAS	CAMINHADAS DIÁRIAS DE 7 A 8 HORAS EM ALTITUDES ENTRE 3900 E 4860 M.	CORDILLERA BLANCA - PERU	ANTÔNIO CANDIDO DIAS / MARTINUS VAN BEECK
12-15/08/2016	TORRE DA PRATA - MORRETES / PR	MUITO PESADA - COM FORTE DESNÍVEL	PARQUE NACIONAL SAINT-HILAIRE LANGE	ESTER CAPELA

A partir do dia 18/12/2015 o salão da sede estará fechada para obras até data a ser divulgada.  
A partir de 24/12/2015 a secretaria entrará no recesso de fim de ano, reabrindo dia 03/01/2016.

# PREPARE-SE PARA CURTIR A NATUREZA

mochilas • alforjes • mochilas de hidratação • purificador de água • bolsas estanques para máquinas e celulares • bandana multiuso • mosquetões • ferragens para escalada • cadeirinhas • cordas e cordeletes • fitas • kit slackline • capacetes • fogareiro • alimentação liofilizada • repositor hidroeletrólítico em pastilhas • calçados • calças • casacos • meias especiais para caminhada • canivetes • lanternas • cantil • sacos de dormir • barracas

**10%**  
desconto\*  
para sócios  
do CEB



**ADVENTURA**  
explore sua natureza

Avenida Treze de Maio 47, sl. 102, Centro, Rio de Janeiro - RJ  
[www.adventura.com.br](http://www.adventura.com.br) | [loja@adventura.com.br](mailto:loja@adventura.com.br) | (21) 2524 2208

\*Desconto individual, não cumulativo, válido por tempo determinado.